

UM CADÁVER para sobreviver. Direção: Dan Kwan; Daniel Scheinert. Produção de A24. Estados Unidos: A24, 2016. 1 DVD. (97 min).

Marieli de SOUZA¹

No cinema, as discussões acerca da existência humana e o embate da morte sempre estiveram presentes. Todavia, uma logopatia baseada em experiências inusitadas, até mesmo surreais, que apresenta de modo criativo e cômico uma perspectiva pessimista e psicologicamente atormentada aponta um ponto de originalidade na indústria cinematográfica. Isso se dá no filme “Um Cadáver Para Sobreviver” (*Swiss Army Man*), estrelado em 2016 e dirigido por Dan Kwan e Daniel Scheinert, ao discutir a importância da valorização dos desejos e do processo de autoaceitação a partir do espelho psicológico entre um homem pessimista e um cadáver.

Os filmes atolados no pessimismo podem ser pouco usuais por não agradar o grande público (Cabrera, 2007). Entretanto, dentro da filosofia essa analogia encontra-se muito explorada, principalmente, pelo filósofo polonês Arthur Schopenhauer. A filosofia de Schopenhauer fundamenta-se nos desejos, o que denomina de “Vontade de Viver”, a essência e a coisa-em-si, assim todas as coisas são formas de objetivação da vontade.

Essa por sua vez “[...] é cega, arbitrária, tirânica, e brutal, não possuindo nem um Deus que a controle, transformando o mundo em algo cruel, sendo responsável por todo o sofrimento do globo, que para Schopenhauer, são prévias da morte” (Lobato, 2018, p. 59). O pessimismo de Schopenhauer mostra-se sem saída, visto que o humano está predestinado ao mecanismo da vontade de viver e não parece haver solução além do desenvolvimento de uma personalidade extraordinária, contemplação do sublime ou a morte.

A escolha de findar com a morte o sofrimento, a angústia e tédio das vontades não realizadas surge como solução para o protagonista do filme “Um Cadáver Para Sobreviver”, Hank (Paul Dano). Dando abertura ao filme, Dan Kwan e Daniel Scheinert constroem uma atmosfera solitária e deprimente, com as palavras “Não quero morrer sozinho”, “Me ajudem! Estou entediado” garranchadas em barcos de papel e garrafas plásticas em pleno mar que lembra o Oceano Pacífico, o abalado estado emocional de Hank é apresentado ao público.

No primeiro instante Hank encontra-se uma ilha deserta, conceito visual que pode ser interpretado como estado de solidão e vazio interior do homem, dessa forma, cansado de lutar

¹ Graduanda do curso de História do Centro Universitário Sagrado Coração, Bauru/SP. Pesquisadora bolsista pela CAPES de Iniciação Científica.

para alcançar seus desejos a tentativa de suicídio acontece. Entretanto, o protagonista interrompe seu enforcamento ao notar outra pessoa deitada sobre a areia da praia, era Manny (Daniel Radcliffe) um cadáver. Nesse contexto, Guilherme Marconi Germer remonta segundo Schopenhauer que a vontade:

É ocupada imediatamente pela necessidade, carência e, assim, sofrimento. Esses são, inclusive – prossegue – ilimitados, lentos e de rápido retorno, enquanto que as suas respectivas satisfações são bem mais raras, breves e módicas. Por fim, em face à tênue satisfação estar nas antípodas da imponente insatisfação, a conclusão do pessimista é a de que toda satisfação não passa de um mero intervalo entre uma e outra insatisfação, e em última instância, de um erro (Germer, 2011, p. 145).

Nesse cenário, a vida humana oscila como um pêndulo entre dor/angústia e o tédio. Hank pousa em Manny sua necessidade momentânea de interromper a solidão, saindo do lado tedioso e oscilando rumo a dor e angústia. Mesmo sendo um corpo em decomposição, Hank transforma o cadáver em seu fiel companheiro para sair da ilha deserta, logo após, para sair da costa de outra ilha, nessa por sua vez existia a esperança de haver civilização.

Lobato (2018) apresenta a perspectiva de Schopenhauer de que o mundo é a representação do sujeito, “O mundo não está menos em nós do que nós nele – não se pode pensar o fenômeno sem o sujeito; tudo que o mundo inclui ou pode incluir depende do sujeito, não existindo senão para ele, o mundo é representação” (Lobato, 2018, p. 62). Esse espelhamento do sujeito através das representações do mundo é o pilar de “Um Cadáver Para Sobreviver”, Hank ilustra suas emoções, estado psicológico, traumas do passado, ideologias e experiências de vida no espaço ao seu entorno e no cadáver Manny.

A ideia de lidar com a realidade pode causar enorme desconforto ao indivíduo, podendo gerar mecanismos de defesa para fugir da sua própria realidade (Lobato, 2018). No cinema, segundo Cabrera (2007) há o conceito-imagem que propicia soluções moralmente abertas e problemáticas, não precisando registrar a realidade do acontecimento, e sim a realidade do sujeito ou do subjetivo da cena. Dessa forma, a construção das cenas do longa usa de situações fantasiosas para representar o estado do protagonista, e desenvolver a trama do filme.

Assim, Manny ganha “superpoderes” e consegue falar, pode usar gases como impulso para mover-se na água e acender fogueiras, criar uma bússola com suas ereções, até mesmo, em certo momento movimentar-se sozinho, porém, seu dom mais importante é a ingenuidade, a qual gera indagações complexas e tendenciosas como “O que é a vida?”, “Quando a morte chega, viramos lixo?” e “Por que devo segurar meus gases em público?”, fazendo com que

Hank reflete sobre sua vida e os motivos por estar vivendo em um mundo tão desfavorável a ele.

Na relação de Hank e Manny é apresentado o perfil do protagonista, um jovem incompreendido pela família, antissocial, muito solitário e ressentido, uma pessoa sem confiança ou autoestima, que vê nas interações adultas uma continuidade da repressão da infância. Nota-se a imensa necessidade de Hank em realizar suas vontades sufocadas, com enfoque no desejo romântico, desse modo, juntamente com Manny é construído representações de momentos ideias, supostas lembranças de alegria que Hank teria vivido, para demonstrar ao cadáver, ou melhor, a si mesmo, as razões para não transpassar a vida.

O clímax do filme se dá no final do longa, onde existe a quebra do mundo representado por Hank e a abertura da realidade coletiva dos fatos. Assim, é exposto ao espectador que nunca houve ilha, Manny não tem superpoderes e não havia lembranças felizes na vida de Hank, as quais foram recriadas anteriormente. Tudo não passou de reproduções das vontades reprimidas do protagonista. Ao ser exposto a verdadeira face social, Hank tenta retornar ao seu mundo de fantasia criado na ilha (floresta próxima a casa de seu interesse amoroso) levando consigo o cadáver.

Acontece uma rápida busca por Hank, que inclui policiais, médicos e jornalistas buscando conter um homem psicologicamente instável que foge da civilização sequestrando um cadáver. A perseguição cessa na praia, local de início do filme, com o cadáver imóvel às margens do mar e Hank lutando para desapegar-se do companheiro que o compreendia. Nesse cenário, provando a si mesmo que suas vontades diante ao coletivo deveriam subsistir Hank libera suas flatulências em meio às pessoas.

O longa utiliza a metáfora dos gases, a qual quando não eliminamos os gases estamos fazendo mal para o nosso organismo, o mesmo acontece quando omitimos, negamos ou não conseguimos saciar as vontades, estamos fazendo mal para nosso emocional. A experiência libertadora Hank proporciona um instante de apreciação indescritível para si, para as pessoas envolta, e para o cadáver que parte utilizando seus gases como propulsão nas águas. Além disso, a cena representa a quebra da dependência que Hank tinha em um cadáver para sobreviver.

O pasmo final do longa, pode ser descrito segundo Schopenhauer como a contemplação do sublime:

A satisfação e a alegria são de natureza negativa, isto é, são apenas o fim de um sofrimento, ao passo que apenas a dor é positiva. E assim com o

desaparecimento de todo querer da consciência, ainda permanece o estado de prazer, em outras palavras, a ausência de toda dor, aqui, inclusive, a ausência da possibilidade da dor (Schopenhauer, 2000, p. 490).

O sublime é atingido pela consciente e dolorosa separação das relações do objeto da vontade, o sublime é destituído de vontade (Schopenhauer, 2000). Contudo, este momento de contemplação do indescritível resulta na momentânea libertação do homem.

Referências Bibliográficas

ARNAUD, F. Schopenhauer e os paradoxos do sublime. **Revista Ética**. Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 153 – 159, 2012.

BONEZ, M. **Um Cadáver para Sobreviver**. Papo de Cinema. 2018. Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/um-cadaver-para-sobreviver/>>. Acesso em: 27 de maio. 2022.

CABRERA, J. O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes. **De Hitchcock a Greenaway pela história da Filosofia: novas reflexões sobre cinema e filosofia**. São Paulo: Nankin, 2007.

GERMER, G. M. **Sobre a tese schopenhaueriana da positividade da dor e da negatividade do prazer**. Cadernos de Ética e Filosofia Política, pp.137-159, 2011.

LOBATO, M. D. A concepção filosófica da morte em Schopenhauer. Saberes: **Revista Interdisciplinar de Filosofia e Educação**, n. 17, 2018.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Parerga and Paralipomena**, v. 1- 2. Translation J. Payne. Oxford: Oxford University Press, 2000.

UM CADÁVER para sobreviver. Direção: Dan Kwan; Daniel Scheinert. Produção de (achar o nome). Estados Unidos: A24, 2016. 1 DVD. (97 min).